

Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?

O encontro com Natanael em João 1:43-51

Vitor Emanuel Correa de Mesquita¹
Gabriel Mulins Duarte²
Túlio Silveira Andrade³

RESUMO

A perícopes de João 1:43–51 integra o ciclo de testemunhos e vocações que inaugura a revelação cristológica no Quarto Evangelho, culminando na confissão de Natanael. A análise literária desse relato evidencia um desenvolvimento narrativo progressivo que desloca o foco da expectativa messiânica tradicional para a cristologia elevada do “Filho do Homem”. A pesquisa aborda, inicialmente, a delimitação estrutural do texto, destacando a articulação entre o chamado de Filipe, a resistência inicial de Natanael e seu consequente reconhecimento de Jesus. Em seguida, investiga-se o pano de fundo sociocultural da indagação sobre Nazaré e a importância do conhecimento sobrenatural de Jesus como gatilho para a fé. Por fim, a abordagem teológico-literária demonstra que a confissão de Natanael funciona como chave hermenêutica do Evangelho: quem aceita o convite “vem e vê” ingressa na dinâmica contínua da revelação divina mediada pelo Filho do Homem.

Palavras-chaves: Evangelho de João. Exegese do Novo Testamento. Discipulado. Cristologia. Análise literária.

ABSTRACT

The pericope of John 1:43–51 is part of the initial cycle of testimonies and callings that inaugurates Christological revelation in the Fourth Gospel, culminating in Nathanael’s confession. A literary examination of the narrative demonstrates a progressive theological movement that shifts from traditional messianic expectations toward the elevated Christology of the “Son of Man.” The study first establishes the structural delimitation of the passage, emphasizing the narrative dynamics linking Philip’s calling, Nathanael’s initial skepticism, and his subsequent recognition of Jesus. It then explores the sociocultural background behind the question regarding Nazareth, as well as the revelatory dimension of Jesus’ supernatural knowledge. Ultimately, the article argues that Nathanael’s confession serves as a hermeneutical gateway for the Gospel: those who accept the invitation “come and see” enter into the ongoing dynamic of divine revelation

¹ Mestrando em Ciências das religiões pela UESP (Bolsista CAPES). Formado em Teologia pela UNESA. Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela UNINTER. Graduando em História pela FABAT. E-mail: prof.vitoremanoel@gmail.com.

² Graduando em Teologia pela FABAT. E-mail: gabrielmulinsduarte@gmail.com.

³ Graduando em Teologia pela FABAT. Graduando em Música pela FABAT. E-mail: tulioandrd@gmail.com.

mediated by the Son of Man.

Keywords: Gospel of John. New Testament Exegesis. Discipleship. Christology. Literary analysis.

INTRODUÇÃO

A perícopre de João 1:43–51 insere-se no conjunto inaugurador do Quarto Evangelho, constituindo o ponto culminante da semana inicial (Jo 1:19–2:11), cuja progressão narrativa e teológica estabelece os alicerces da revelação cristológica. Longe de ser um episódio periférico, o encontro entre Jesus e Natanael representa a síntese de um movimento teológico que transita do testemunho mediado de João Batista à revelação direta do Verbo encarnado, revelação esta que se manifesta na experiência do discipulado. A cena final do ciclo de vocações não somente encerra a série de chamados, mas sobretudo, inaugura o horizonte hermenêutico do Evangelho: a confissão do “Filho de Deus” e “Rei de Israel” é imediatamente transcendida pela autodeclaração de Jesus como “Filho do Homem”, instaurando o eixo teológico que sustentará toda a cristologia joanina.

A relevância desta perícopre reside, portanto, na tensão entre expectativa e revelação. O ceticismo inicial de Natanael, “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”, constitui um ponto de inflexão teológico: a incredulidade fundamentada em categorias socioculturais é dissolvida diante da revelação do conhecimento divino de Jesus. O evangelista utiliza essa ironia para desconstruir o messianismo de cunho nacionalista e conduzir o leitor a uma compreensão teológica da identidade de Cristo que ultrapassa fronteiras étnicas e religiosas. Assim, o diálogo entre Filipe e Natanael funciona como microcosmo narrativo do processo de fé em João, no qual o movimento do “vir e ver” torna-se paradigma do discipulado como experiência de revelação progressiva.

No plano metodológico, este artigo propõe uma leitura exegética e teológico-literária de João 1:43–51, ancorada nos aportes de Raymond Brown, D. A. Carson, Ramiro Mincato e demais autores, com base na leitura responsável que articula análise estrutural, contexto histórico-social e teologia narrativa. O estudo parte da delimitação formal da perícopre dentro do ciclo de testemunhos e vocações, examina o pano de fundo sociocultural da referência a Nazaré e culmina na interpretação teológica dos títulos cristológicos atribuídos a Jesus, em especial o deslocamento do reconhecimento messiânico (“Filho de Deus”, “Rei de Israel”) para a alta revelação do “Filho do Homem”.

Dessa forma, o presente trabalho busca demonstrar que a confissão de Natanael constitui uma chave hermenêutica da cristologia joanina. Nela, o evangelista apresenta, de modo concentrado, a dialética entre fé e visão, ironia e revelação. A perícopes de João 1:43–51, portanto, além de concluir a primeira sequência vocacional, inaugura a teologia do discipulado que atravessa todo o Evangelho, em que aquele que aceita o convite “vem e vê” é introduzido na economia da revelação, onde o Filho do Homem se torna o mediador definitivo entre Deus e a humanidade.

1. DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE

A perícopes localiza-se no conjunto narrativo do “primeiro ciclo de testemunhos e vocações” (Jo 1:19–51), que integra a estrutura da semana inaugural do Evangelho de João (1:19–2:11), marcada por uma progressão teológica e vocacional. João 1:43-51 constitui o quarto dia dessa semana e conclui o movimento inicial de revelação cristológica, agora centrado em Natanael, cuja confissão assume papel teológico decisivo.

A delimitação da perícopes permite identificar três grandes unidades, com desenvolvimento crescente da cristologia joanina:

A - Chamada e Envio de Filipe (Jo 1:43-44)

- Jesus toma a iniciativa vocacional: “*Segue-me*”.
- Filipe é imediatamente integrado ao círculo dos discípulos.
- Identidade geográfica compartilhada com André e Pedro (Betsaida) fortalece o vínculo testemunhal.

B - Testemunho de Filipe e Resistência de Natanael (Jo 1:45-48)

- Filipe interpreta Jesus à luz das Escrituras: aquele de quem escreveram Moisés e os Profetas.
- Designação histórica concreta: “*Jesus de Nazaré*”.
- Natanael apresenta objeção irônica: “*De Nazaré pode sair algo bom?*”.
- Filipe responde com a fórmula vocacional joanina: “*Vem e vê*”.

C - Encontro Transformador e Confissão Cristológica (Jo 1:49-51)

- Jesus revela conhecimento sobrenatural sobre Natanael;
- Natanael reconhece sua autoridade: “Rabi, tu és o Filho de

Deus, tu és o Rei de Israel!”.

- Jesus promete revelação superior: visão do Filho do Homem com céus abertos e anjos subindo e descendo.

A perícopes João 1:43-51 articula um percurso vocacional que é simultaneamente epifânico: o encontro pessoal com Jesus desconstrói expectativas e conduz a uma confissão de fé progressiva, sustentada pela revelação contínua do Filho do Homem. Assim, o texto funciona como porta teológica para todo o Evangelho: quem aceita o convite “vem e vê”, entra numa dinâmica permanente de revelação do Filho.

1.1 Análise pragmático-social

A cidade de Nazaré, embora ausente do Antigo Testamento, ocupa um papel central no Novo, sendo identificada como o lar de Maria e José, os pais terrenos de Jesus (Tenney, 1967).⁴ Situada na Baixa Galileia, na região da tribo de Zebulom, Nazaré era uma pequena localidade de posição social periférica e reputação moral duvidosa, o que se reflete na célebre pergunta de Natanael: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (Jo 1:46). Geograficamente, encontrava-se em uma bacia cercada por colinas, o que limitava sua visibilidade, embora, a partir de seus arredores, fosse possível contemplar a planície de Esdraelon, palco de importantes eventos históricos.⁵ Apesar do aparente isolamento, Nazaré estava conectada a rotas regionais, e sua população, estimada em cerca de dez mil habitantes, refletia um contexto modesto e conservador.

A má reputação religiosa e moral da cidade, segundo Tenney (1967)⁶, revela um ambiente de religiosidade superficial, o que contribui para compreender o ceticismo local diante do ministério de Jesus. A rejeição de Cristo por seus conterrâneos, tanto a hostilidade inicial (Lc 4:14–30) quanto a indiferença posterior (Mt 13:54–58), ilustra o contraste entre a revelação divina e a incredulidade humana, um tema recorrente na teologia joanina. Essa distinção entre rejeição ativa e apática expressa a tensão entre a expectativa messiânica e a limitação cultural da comunidade, que serve de pano de fundo para a pergunta de Natanael.

⁴ TENNEY, Merrill C. *The Zondervan pictorial bible dictionary*. Grand Rapids, Michigan : Zondervan Publishing House. 1967. p. 573-574.

⁵ *Ibid.*, TENNEY, 1967.

⁶ *Ibid.*, TENNEY, 1967.

De acordo com Brown, a expressão “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” pode refletir um provérbio local que expressava rivalidade entre Caná, cidade natal de Natanael, e a vizinha Nazaré. Para o autor, a objeção também pode ecoar a descrença judaica quanto à possibilidade de o Messias vir da Galileia (cf. Jo 7:41–52), embora não haja indícios de que Natanael evocasse o tema do “Messias oculto”.⁷ Carson (1991) aprofunda essa leitura, observando que Nazaré, além de ser desprezada pelos judeus, parecia ser alvo de desdémate entre outros galileus. O fato de Jesus ser identificado como “o Nazareno” (Mt 2:23) e não “o Betlemita”, título que carregaria conotações régias e davídicas, reforça, segundo o autor, a humildade da encarnação.⁸ Essa designação, posteriormente usada de modo pejorativo para identificar os cristãos como “a seita dos nazarenos” (At 24:5), simboliza a inversão teológica do Evangelho: o Messias surge do lugar mais improvável.

Keener (2003) acrescenta que a pergunta de Natanael pode ter sido menos hostil e mais irônica, talvez motivada por rivalidade regional, comum na Antiguidade. Para ele, não há indícios de que Nazaré fosse ímpia ou insignificante, sua população era judaica e ortodoxa, mas o preconceito pode derivar da ideia de que “um profeta não tem honra em sua própria terra” (Jo 4:44; Mt 13:57).⁹ Leon Morris (1995) complementa que o ceticismo de Natanael não expressa tanto uma reprovação moral de Nazaré, mas antes a dificuldade em conceber que o Messias pudesse surgir de um contexto tão humilde e ordinário.¹⁰

2. ANÁLISE LITERÁRIA

De acordo com Uwe Wegner (2001) e Stuart e Fee (2008), a análise literária constitui uma das etapas essenciais da exegese, uma vez que se ocupa da forma final do texto bíblico tal como chegou até nós.¹¹ Diferentemente de abordagens que procuram reconstituir fases anteriores da composição, a análise literária parte do pressuposto de que

⁷ BROWN, Raymond E. *The Gospel According to John (I-XII): Introduction, Translation, and Notes*. Anchor Bible. New York: Doubleday, 1966. p. 83.

⁸ CARSON, D. A. *The Gospel According to John. The Pillar New Testament Commentary*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991.

⁹ KEENER, Craig S. *The Gospel of John: A Commentary*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2003. p. 483-485.

¹⁰ MORRIS, Leon. *The Gospel According to John. The New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995.

¹¹ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia / Uwe Wegner*. - São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 1998. p. 84-93.

o texto, em sua configuração atual, representa um produto intencional e pastoralmente orientado. Por isso, o principal objetivo desse procedimento é compreender como o texto funciona enquanto unidade literária acabada, considerando sua coesão interna e a organização estética por meio da qual veicula sua mensagem teológica.

Tal método exige, antes de tudo, uma delimitação rigorosa da unidade. Como os manuscritos originais não apresentavam divisões explícitas e como as atuais marcações de capítulos e versículos resultam de tradições posteriores, é necessário verificar se o trecho analisado constitui de fato um bloco narrativo coeso, distinto do que antecede e do que segue. No caso de João 1:43–51, as mudanças de personagens, a progressão dramática e a presença de um clímax, a confissão cristológica de Natanael, confirmam a integridade da perícopa e sua identidade como unidade literária autônoma, ainda que inserida em um ciclo maior referente à revelação inicial de Jesus aos discípulos.

A leitura estrutural, por sua vez, possibilita perceber a organização interna dessa narrativa vocacional: os verbos reiterados de movimento e encontro, os paralelismos que evocam o episódio anterior do chamado de André e Simão, e as inclusões que amarram o texto ao seu contexto imediato. Esses elementos revelam um desenvolvimento narrativo intencional que conduz do convite inicial, “Segue-me”, ao reconhecimento público do messianismo de Jesus.

A investigação literária inclui ainda a observação de possíveis marcas redacionais.¹² Em João 1, pequenas assimetrias entre as cenas sucessivas podem indicar a utilização de tradições distintas que foram posteriormente harmonizadas. Todavia, conforme Wegner enfatiza, a tarefa da análise literária não consiste em desmembrar o texto em estratos hipotéticos, mas em compreender como tais tradições foram costuradas pelo evangelista de forma a produzir significado teológico.¹³ No caso específico desta perícopa, mesmo os elementos que soam dissonantes acabam contribuindo para o desenvolvimento do tema da soberania de Jesus no chamado e da revelação progressiva de sua identidade.

Por fim, é justamente por considerar o texto como Palavra de Deus que esta

¹² STUART, Douglas. *Manual de Exegese bíblica*. Douglas Stuart e Gordon D. Fee. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 301-318.

¹³ WEGNER, 1998, p. 88-93.

abordagem se torna imprescindível para uma exegese responsável. A narrativa de João não é uma soma aleatória de episódios, mas sobretudo, um testemunho teológico construído por meio de recursos estéticos: repetição, contraste, ironia, movimento espacial, clímax confessional. Desse modo, a análise literária fornece o fundamento sobre o qual as próximas etapas interpretativas podem avançar, garantindo que a reflexão histórica, teológica e narrativa esteja sempre em diálogo com as escolhas formais do autor do Quarto Evangelho.

Assim, ao aplicar a análise literária à perícopes de João 1:43–51, reconhece-se que não se trata apenas de identificar detalhes do texto, mas de permitir que sua própria composição, equilibrada, progressiva e reveladora, guie a interpretação, iluminando o retrato inicial de Jesus como aquele que encontra, conhece e transforma seus futuros discípulos.

2.1 Pode vir alguma coisa boa de nazaré?

A perícopes de João 1:43–51 apresenta uma estrutura cuidadosamente equilibrada que revela tanto a arte narrativa do evangelista quanto possíveis sinais de edição do material. Pode-se observar que, ao contrário dos discípulos anteriores que seguiram a Jesus após o testemunho de João Batista, Filipe é ativamente procurado por Jesus, o que sublinha a soberania de Cristo no processo de discipulado.¹⁴ Este detalhe é crucial para entender a dinâmica da vocação divina, onde Jesus "toma a iniciativa".¹⁵

Uma análise da perícopes de Filipe e Natanael, embora em paralelo com outras perspectivas em muitos aspectos, se distingue por sua profunda imersão no contexto sociocultural e histórico do primeiro século.¹⁶ Esta narrativa é vista como um espelho do

¹⁴ *Ibid.*, MORRIS, 1995.

¹⁵ *Ibid.*, MORRIS, 1995.

¹⁶ Isto porque, Keener (2003) em seu livro *The Gospel of John: A Commentary*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, diz que os Sinóticos citem Betsaida apenas de modo periférico (cf. Mt 11,21; Lc 10,13; Mc 6,45; 8,22; Lc 9,10), João dá maior ênfase à geografia galileia e supõe que seus leitores compartilham o conhecimento desses lugares (cf. Jo 2,1; 4,46). Essa ausência de preocupação com a conciliação de detalhes narrativos indica que o evangelista trabalha com uma tradição própria, possivelmente enraizada em memórias locais da Galileia. Essa atenção à Galileia não é meramente topográfica, mas pode carregar um sentido teológico presente. O deslocamento de Jesus para a região periférica, descrito logo no início do ministério (Jo 1:43–44), marca o início da revelação de Deus fora do centro religioso de Jerusalém, simbolizando uma inversão de expectativas e valores. A Galileia, desprezada pelas elites judaicas, torna-se o espaço privilegiado da manifestação messiânica. Nesse contexto, Betsaida, cidade associada à pesca e à vida simples, assume um papel paradigmático na narrativa joanina: nela se entrelaçam o chamado de Filipe e a origem de Pedro e André, personagens que representam o início do discipulado e a difusão da fé. Carson

relato de André e Simão, onde um discípulo introduz um novo prospecto a Jesus, e Jesus, por sua vez, revela o coração do recém-chegado.¹⁷ No entanto, são enfatizados os "contrastes significativos" e os "desenvolvimentos narrativos" que tornam este relato o mais completo, culminando na confissão cristológica de Natanael.¹⁸

Tabela 1: Quadro comparativo dos chamados dos discípulos

Discípulo(s)	Evangelho de João	Evangelhos Sinóticos
André e outro discípulo	Jo 1:35-40 – seguem Jesus após ouvir João Batista.	Sinóticos não relatam este chamado inicial.
Simão Pedro	Jo 1:41-42 – André traz Pedro a Jesus.	Mc 1:16-18; Mt 4:18-20; Lc 5:1-11 – chamado diretamente por Jesus, junto ao mar.
Filipe	Jo 1:43-44 – Jesus encontra Filipe diretamente e diz “Segue-me”.	Mc 3:18; Mt 10:3; Lc 6:14 – aparece apenas nas listas dos Doze.
Natanael	Jo 1:45-51 – Filipe encontra Natanael, que confessa Jesus como Filho de Deus e Rei de Israel.	Mc 3:18; Mt 10:3; Lc 6:14 – Bartolomeu listado entre os Doze, geralmente junto a Filipe.

faz eco e destaca que o sujeito da ação inicial “decidiu partir para a Galileia” (Jo 1:43), é gramaticalmente ambíguo no texto grego, podendo se referir tanto a Jesus quanto a André. Essa possível ambiguidade, segundo o autor, reforça a estrutura testemunhal do capítulo inicial do Quarto Evangelho: o discipulado em João não ocorre de maneira isolada, mas por meio do testemunho de outro discípulo. Nesse sentido, se André for entendido como sujeito implícito, o texto preserva a lógica joanina do “encontro mediado”, evidenciada pelo uso repetido do verbo *heuriskein* (“encontrar”) ao longo da perícopie (1:41, 43, 45), que expressa um processo comunitário de revelação e fé. Além disso, a referência a Filipe como natural de Betsaida, assim como André e Pedro, insere geograficamente o movimento inicial da missão de Jesus na Galileia, região periférica à Judeia e símbolo de uma fé que surge “das margens”. Ver: CARSON, D. A. *The Gospel According to John. The Pillar New Testament Commentary*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991.

¹⁷ *Ibid.*, KEENER, 2003, p. 482-484.

¹⁸ Segundo Carson (1991), a estrutura do texto mantém a mesma lógica da vocação de André e Simão Pedro: aquele que é encontrado por Cristo torna-se, por sua vez, aquele que “encontra” outro. Tal movimento constitui, para o evangelista, o princípio fundacional da expansão cristã autêntica, na qual o discipulado é essencialmente relacional e missionário, “novos seguidores de Jesus testemunham dele a outros, que por sua vez se tornam discípulos e repetem o processo” (Carson, 1991).

Mais especificamente, na tabela 2 se percebe a construção da relação literária entre João 1:42 (Simão Pedro) e João 1:47 (Natanael): em ambos os casos, Jesus revela algo essencial sobre a identidade do discípulo no primeiro encontro.

Tabela 2: Comparativo João 1:42 e 1:47

Verso	Texto Grego ¹⁹	Tradução Português	Observação
Jo 1:42 (Simão Pedro)	καὶ ἤγαγεν αὐτὸν πρὸς τὸν Ἰησοῦν. ἐμβλέψας αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν· σὺ εἶ Σίμων ὁ υἱὸς Ἰωάννου· σὺ κληθήσῃ Κηφᾶς (ὃ ἐρμηνεύεται Πέτρος).	“E o levou a Jesus. Fitando-o, disse Jesus: Tu és Simão, filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro).”	Estrutura: σὺ εἶ... σὺ κληθήσῃ... (“tu és... tu serás chamado”). Jesus define a identidade de Simão com base no futuro da sua missão.
Jo 1:47 (Natanael)	εἶδεν ὁ Ἰησοῦς τὸν Ναθαναὴλ ἐρχόμενον πρὸς αὐτὸν καὶ λέγει περὶ αὐτοῦ· ἴδε ἀληθῶς Ἰσραηλίτης, ἐν ᾧ δόλος οὐκ ἔστιν.	“Viu Jesus a Natanael que se aproximava e disse dele: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo. ”	Estrutura: ἴδε... ἐν ᾧ... (“eis... em quem...”). Jesus discerniu o caráter de Natanael no presente, sem referência ao futuro.

Brown (1966) por exemplo, também observa que os dois blocos, o chamado dos primeiros discípulos (1:35–42) e a sequência que culmina no encontro de Filipe com Natanael (1:43–50), mantêm entre si uma instigante correspondência.²⁰ Em ambos, há a dinâmica de “encontrar” (εὕρισκειν), a confissão cristológica e o convite ao discipulado. Assim, no primeiro bloco, André encontra Simão e o conduz a Jesus (Tabela 2), que, por sua vez, lhe confere um novo nome (1:40–42). No segundo, Filipe encontra Natanael e o convida a ver o Messias anunciado nas Escrituras, resultando na confissão de fé de Natanael (1:45–49). O paralelismo fica ainda mais claro na repetição da expressão “vem e vê” (ἔρχου καὶ ἴδε), primeiro nos lábios de Jesus (1:39) e depois nos de Filipe (1:46), indicando uma continuidade no movimento do discipulado que se dá pelo encontro direto

¹⁹ Texto retirado de *Novum Testamentum graece*. Germany : Deutsch Bibelgesellschaft, 1996.

²⁰ BROWN, 1966. p. 82-85.

com Cristo, não apenas pelo testemunho de terceiros.²¹

Contudo, Brown (1966) chama a atenção para pequenas imperfeições na simetria, sinais de que o evangelista trabalhou com diferentes tradições que foram posteriormente editadas e harmonizadas. Um ponto enigmático, por exemplo, é o v. 41: “André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João e seguiram Jesus. Ele encontra primeiro seu irmão Simão e lhe diz: ‘Achamos o Messias’”. O texto, em sua forma atual, cria certa tensão, pois pareceria natural que, após André encontrar Simão, fosse também ele quem encontrasse Filipe. Entretanto, a introdução da iniciativa de Jesus em encontrar Filipe (1:43) estabelece uma simetria com o v. 35, quando Jesus encontra os dois primeiros discípulos. Segundo Brown, trata-se de uma intervenção redacional que buscou equilibrar os dois blocos narrativos, ainda que o resultado deixe algumas marcas de composição.²²

Tabela 3: Paralelos entre os dois blocos narrativos

(1:35–42)	(1:43–50)
Jesus encontra dois discípulos (1:35–39)	Jesus encontra Filipe (1:43–44)
Eles seguem Jesus (1:37)	Jesus chama: “Segue-me” (1:43)
“Vem e vê”, Jesus aos discípulos (1:39)	“Vem e vê”, Filipe a Natanael (1:46)
André encontra Simão (1:40–41)	Filipe encontra Natanael (1:45)
Confissão: “Achamos o Messias” (1:41)	Confissão: “Achamos aquele de quem escreveram Moisés e os profetas” (1:45)
Jesus olha para Simão (1:42a)	Jesus vê Natanael vir até ele (1:47a)
Jesus dá a Simão o nome de Cefas (1:42b)	Jesus declara Natanael “verdadeiro israelita” (1:47b)

²¹ Brown interpreta esse paralelismo como indicativo de uma tradição composta, posteriormente harmonizada pelo evangelista, de modo que o papel de Filipe poderia originalmente ter sido desempenhado por André (Brown, 1966, p. 85). A duplicidade de vocações, duas duplas de discípulos que reconhecem o Cristo de formas diferentes, reforça o tema da mediação humana na revelação divina: o testemunho pessoal torna-se o canal pelo qual a fé se comunica.

²² *Ibid.*, BROWN, 1966, p. 85.

A repetição do padrão de um discípulo encontrando outro, com Filipe buscando Natanael (João 1:45-46), é um tema abordado como vimos. Filipe "encontra" Natanael assim como Jesus o "encontrou", mas com uma diferença crucial: Jesus, presumivelmente, tinha "outros métodos" para encontrar pessoas, aludindo ao seu conhecimento sobrenatural.²³

Complementarmente, a caracterização de Filipe como um indivíduo de "habilidade limitada" é evidenciada por suas interações subsequentes no Evangelho (João 6:7; 12:21-22; 14:8-9). Leon Morris observa que Filipe aparece em diversas passagens do Quarto Evangelho como alguém que demonstra certa limitação de compreensão e iniciativa: ele calcula a impossibilidade de alimentar a multidão (6:7), não sabe como agir diante do pedido dos gregos e precisa consultar André (12:21-22), e, no cenáculo, solicita a Jesus que lhes mostre o Pai, revelando falta de percepção (14:8-9). No entanto, é ressaltado que Jesus "saiu do seu caminho para encontrar este homem bastante limitado e alistá-lo no círculo apostólico".²⁴ Esta observação é interessante para a análise narrativa, pois revela um aspecto da natureza de Jesus: a capacidade de usar pessoas comuns para propósitos extraordinários, um tema recorrente na literatura joanina.

A cena do encontro entre Jesus e Natanael em João 1:47-48 sintetiza um dos argumentos teológicos recorrentes no Quarto Evangelho: a definição da verdadeira identidade israelita não se fundamenta na descendência étnica, mas na integridade espiritual diante de Deus. A declaração de Jesus sobre Natanael, identificado como alguém "em quem não há dolo", estabelece uma relação tipológica entre o discípulo e a figura patriarcal de Jacó antes de sua transformação em Israel. A terminologia utilizada por João remete à noção veterotestamentária do "dolo" como marca do antigo Jacó, expondo o contraste entre a astúcia enganosa associada ao patriarca e a transparência espiritual que qualifica o novo povo de Deus. Ao reconhecer essa dimensão, Morris (1995) observa que Jesus atribui a Natanael uma identidade que vai além da etnicidade e aponta para um pertencimento ao Israel restaurado, o que se confirma na reação imediata

²³ KEENER, 2003, p. 482-484.

²⁴ *Ibid.*, MORRIS, 1995.

do discípulo ao reconhecer a autoridade messiânica de Jesus.²⁵

A leitura de Carson (1991) reforça esse movimento ao destacar a nuance linguística da expressão empregada por Jesus. A utilização do advérbio *alēthōs*, e não do adjetivo *alēthinos*, sugere que o evangelista descreve não a essência ontológica de Natanael enquanto israelita ideal, mas a qualidade moral que o distingue como aquele cuja vida não é marcada pela duplicidade. E aqui novamente, se pode perceber o paralelismo implícito com Gênesis 27, onde Jacó age “com dolo” (*metà dolou*, LXX), revela uma inversão de papéis: Natanael representa o Israel que já passou pela purificação da identidade e que não mais carrega a marca do engano.²⁶ Essa perspectiva se alinha ao desenvolvimento cristológico do Evangelho, em que Jesus expõe, de maneira reiterada, que a verdadeira filiação a Abraão se manifesta na disposição de acolher a verdade revelada pelo Enviado do Pai.²⁷

A intervenção de Jesus, ao afirmar ter visto Natanael “debaixo da figueira”, torna-se elemento hermenêutico decisivo para a confissão cristológica subsequente. A literatura joanina associa o conhecimento prévio e sobrenatural de Jesus ao reconhecimento de sua identidade divina. Nesse sentido, Morris identifica nessa referência simples a manifestação de um atributo que reaparecerá ao longo da narrativa: a capacidade do Cristo de sondar corações antes do encontro físico.²⁸ Keener (2001) complementa essa interpretação ao enfatizar que o enfoque do evangelista não está na simbologia da figueira enquanto local de estudo da Lei, algo possível embora não determinante, mas no fato de que a visão de Jesus antecede o contato pessoal, revelando o caráter revelacional da presença de Cristo.²⁹ Esse “ver” adquire caráter teológico e se torna critério para o discipulado na teologia de João.

A prontidão de Natanael em confessar Jesus como “Filho de Deus” e “Rei de Israel” aparece, portanto, como resultado de um encontro que transforma conhecimento em fé. A ausência de sinais públicos ou argumentos racionais no episódio evidencia que

²⁵ *Ibid.*, MORRIS, 1995.

²⁶ *Ibid.*, CARSON, 1991, p. 159–160.

²⁷ A articulação entre integridade moral e verdadeira descendência de Abraão será aprofundada por João em sua controvérsia com os líderes judaicos (João 8:39–47), onde a recusa da verdade revelada por Cristo é o critério que deslegitima a filiação étnica como garantia de pertença ao povo de Deus.

²⁸ *op. cit.*, MORRIS, 1995.

²⁹ KEENER, 2003, p. 485–487.

a fé autêntica, em João, nasce da revelação direta daquele que conhece a verdade interior do ser humano.³⁰ O episódio, assim, se configura como microteofania que antecipa a promessa de João 1:51: no encontro com Jesus, o acesso ao céu é reaberto, e o novo Israel se constitui não pela astúcia de Jacó, mas pela visão revelada pelo Filho do Homem.

Se a microteofania com Natanael revela quem Jesus é, a confissão de Filipe aprofunda ainda mais essa revelação. Ao afirmar ter encontrado “aquele de quem escreveram Moisés e os profetas” (Jo 1:45), Filipe retoma o núcleo hermenêutico do Evangelho de João: toda a Escritura converge para Cristo. Essa declaração corresponde, em intensidade, ao testemunho de André “Encontramos o Messias” (Jo 1:41; cf. Tabela 3), mas destaca um aspecto distinto da mesma verdade. Como observa Keener, enquanto André chega à sua confissão a partir do encontro pessoal com Jesus, Filipe fundamenta sua identificação no cumprimento das Escrituras, enfatizando a dimensão teológica e escriturística do testemunho.³¹

Essa nuance é significativa. A referência conjunta à Torá e aos Profetas, designação corrente para o conjunto das Escrituras (cf. 2Mc 15:9; 4Mc 18:10–18; Mt 5:17; Rm 3:21) assume aqui o papel de fundamento da revelação cristológica. Em João, Moisés não se coloca em oposição a Cristo; ao contrário, seu verdadeiro papel é o de testemunhar aquele que haveria de vir (Jo 5:46). Dessa forma, a confissão de Filipe prepara o clímax da perícopa: o reconhecimento de Natanael de que Jesus é, ao mesmo tempo, “Filho de Deus” e “Rei de Israel” (Jo 1:49). Assim, o relato avança de uma expectativa messiânica enraizada na tradição de Israel para a revelação plena do Filho do Homem, por meio de uma progressão de testemunhos que se iluminam mutuamente.

A menção de Jesus como “filho de José” (João 1:45) é vista como consistente com a tradição sinótica e não necessariamente uma negação da concepção virginal, mas sim uma indicação da ignorância de Filipe sobre tal detalhe ou a falta de relevância para João, porém, Brown argumentará que na verdade esta é a maneira normal de distinguir este Jesus específico de outros com o mesmo nome em Nazaré.³² Outro fator é o fato deste

³⁰ O contraste entre a fé que nasce de sinais e a fé que surge da revelação pessoal será tematicamente desenvolvido em João 20:29, onde a bem-aventurança é atribuída aos que creem sem terem visto externamente, ecoando a experiência de Natanael como modelo inicial dessa dinâmica.

³¹ KEENER, 2003, p. 486-487.

³² BROWN, 1966, p. 82.

fragmento ser uma ironia. No contexto palestinese do primeiro século, como observa Barrett³³, Filipe fornece exatamente as credenciais que identificavam socialmente uma pessoa: a aldeia de origem e o nome do pai. Essa fórmula, corriqueira e objetiva, dava legitimidade e situava o indivíduo dentro da rede de parentesco e localização geográfica, elementos centrais da identidade no mundo judaico.

Entretanto, o evangelista introduz nessa descrição uma tensão irônica. Em outra passagem (Jo 6:42), a mesma referência a Jesus como “filho de José” é usada por opositores para desacreditar sua pretensão de origem celestial, contrapondo a filiação divina com a suposta filiação humana. O recurso da ironia, característico do Quarto Evangelho, está em jogo desde o início: João “permite” que Jesus seja descrito de forma aparentemente redutiva, como simplesmente filho de José, ao mesmo tempo em que conduz o leitor a perceber a insuficiência dessa identificação. O contraste entre a visão limitada dos personagens e o conhecimento mais amplo do narrador e do leitor pode constituir parte da estratégia narrativa joanina. Todavia, como destaca Duke³⁴, a ironia nesse ponto inicial do evangelho ainda não é imediatamente perceptível. O leitor de primeira viagem tende a receber a descrição de Filipe de maneira literal, sem suspeitar da profundidade cristológica que se oculta por trás dela. Apenas numa releitura, quando os padrões de ironia já se tornaram claros ao longo do texto, o leitor percebe que a identificação de Jesus como “filho de José” é, ao mesmo tempo, correta do ponto de vista social e radicalmente equivocada do ponto de vista teológico. Assim, a aparente simplicidade da fala de Filipe funciona como chave para a pedagogia literária do evangelista: a revelação da verdadeira identidade de Jesus é progressiva, desafiando expectativas, confrontando pressupostos e conduzindo o leitor a atravessar as camadas de ironia até alcançar a confissão plena do Filho de Deus.

O que se observa é um movimento progressivo: a dúvida inicial de Natanael (v. 46) é dissolvida diante da revelação do conhecimento sobrenatural de Jesus (vv. 47–48), conduzindo-o a uma confissão que ultrapassa o escopo esperado de um discípulo em relação ao seu mestre.

Os títulos atribuídos por Natanael merecem exame detalhado. “Filho de Deus”, no

³³ BARRET, 1978, p. 184 *apud* CARSON, 1991.

³⁴ DUKE, 1985, p. 58 *apud* CARSON, 1991.

ambiente judaico do período, possuía uma amplitude semântica derivada tanto do hebraico quanto da tradição bíblica. Como Carson (1991) explica, a expressão “filho de X” poderia funcionar como marcador identitário ou descritivo (cf. Sl 89:22; Dt 3:18; 1 Sm 26:16), indicando traço de caráter, destino ou pertencimento. Nesse sentido, chamar Jesus de “Filho de Deus” poderia ser compreendido, no horizonte judaico do primeiro século, como título messiânico, associado à promessa davídica (2 Sm 7:14; Sl 2:7) e confirmado em tradições do judaísmo do Segundo Templo (1 Enoque 105:2; 4 Esdras 7:28–29; 13:52). Assim, Natanael reconhece em Jesus o Messias davídico, herdeiro da realeza de Israel e representante do povo diante de Deus.

Dentro dessa moldura semítica, Carson mostra que a confissão de Natanael retoma tradições veterotestamentárias nas quais Israel é designado como “filho de Deus” (Êx 4:22; Dt 1:31; Jr 31:9; Os 11:1), e nas quais a realeza davídica é associada à filiação divina (2Sm 7:14; Sl 2:7). O “Filho de Deus” é, portanto, o Rei messiânico prometido, o herdeiro de Davi e representante do povo de Deus. Essa compreensão é reforçada por textos judaicos pré-cristãos (como 4 Florilegium, 1 Enoque e 4 Esdras), que já relacionavam a filiação divina à função régia do Messias. Assim, quando Natanael chama Jesus de “Filho de Deus” e “Rei de Israel”, ele o reconhece como o Messias esperado, o cumprimento das promessas feitas ao Israel antigo. No entanto, João amplia esse sentido: a filiação de Jesus não é apenas funcional ou messiânica, mas ontológica, um vínculo de unidade e intimidade com o Pai que revela uma relação metafísica única (cf. Jo 5:19–30; 10:33).³⁵ Nesse ponto, Carson observa que Natanael “falou melhor do que sabia”: sua confissão messiânica contém uma verdade cristológica mais profunda do que ele próprio podia compreender naquele momento.³⁶ Para a comunidade joanina, a confissão de Natanael

³⁵ *Ibid.*, CARSON, 1991.

³⁶ Craig S. Keener, em sua análise de João 1:49, aprofunda o sentido teológico da confissão de Natanael mostrando como ela funciona como uma ponte entre o messianismo judaico e a alta cristologia joanina (Keener, 2001, p. 487–488). Para o autor, a resposta de Natanael, embora aparentemente espontânea e entusiástica, é mais do que uma exclamação piedosa: trata-se de uma confissão cristológica, comparável às aclamações que, em outros textos cristãos primitivos, surgem após a manifestação de um milagre ou sinal divino (cf. Mt 14:33; Lc 5:8; At 14:11). O reconhecimento de Jesus como “Filho de Deus” e “Rei de Israel” expressa, assim, o padrão joanino segundo o qual aqueles que são “de Deus” reconhecem a palavra e a ação de quem vem de Deus (cf. Jo 3:20–21; 1 Jo 4:6).

A sequência dos títulos (“Filho de Deus” antes de “Rei de Israel”) é teologicamente significativa, pois não estabelece uma hierarquia, mas reflete o uso messianicamente paralelo dos dois termos, conforme o Antigo Testamento e as tradições sinóticas. No contexto inicial do Evangelho, “Filho de Deus” ainda conserva seu sentido messiânico tradicional, relacionado à promessa davídica (cf. Sl 2:7), e não o significado plenamente divino que assumirá progressivamente na narrativa joanina. Entretanto, ambos os títulos adquirem, no

possui também um caráter pedagógico.

Finalmente, a autodenominação de Jesus como “Filho do Homem” em João 1,51, imediatamente após a confissão de Natanael, constitui, conforme observa Ramiro Mincato (2008, p. 11–17)³⁷, o ponto de virada da narrativa, em que o reconhecimento messiânico dá lugar à revelação de uma cristologia superior, de caráter simbólico e teológico. O autor demonstra que o título “Filho do Homem”, derivado da visão de Daniel 7,13, é reinterpretado pelo Quarto Evangelho como uma categoria de alta cristologia, na qual se articulam a preexistência, a origem celeste e a missão revelatória de Jesus. Em João, essa expressão deixa de ser apenas uma designação messiânica para assumir valor ontológico: o “Filho do Homem” é aquele que desce e sobe do céu, o locus da revelação e o mediador entre Deus e a humanidade. Mincato mostra que a escada de Jacó, evocada pela imagem dos anjos que sobem e descem (Jo 1:51), é reelaborada como símbolo da mediação salvífica de Cristo, o único caminho entre o céu e a terra. Assim, a promessa feita a Natanael (“verás o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”) anuncia a revelação plena da glória divina, a ser manifestada na cruz, onde se cumpre o movimento paradoxal de exaltação na humilhação. Nesse sentido, a leitura de Mincato confirma que o evangelista João desloca o messianismo terrestre para uma dimensão teológica mais profunda, em que a escatologia é atualizada no presente histórico da encarnação: o “Filho do Homem” é o símbolo vivo da comunhão entre Deus e o mundo, e sua revelação constitui a realização da própria salvação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise exegética de João 1:43–51 permitiu demonstrar que o encontro entre Jesus e Natanael não constitui um episódio periférico dentro do prólogo narrativo do Quarto Evangelho, mas antes o clímax do ciclo inaugural de testemunhos e vocações, no

decorrer do texto, nuances mais elevadas, que aproximam o reinado de Jesus da esfera da divindade. Keener observa que, embora Jesus seja rejeitado por não corresponder às expectativas judaicas de um rei terreno (cf. Jo 6:15; 12:13–15; 18:33–40; 19:12–15), João desloca a compreensão de realeza para um horizonte teológico maior: no contraste entre César e Cristo, sugere-se um reinado divino, contraposto ao poder imperial, um motivo que ecoa a tradição veterotestamentária de Deus como Rei (Zc 14:9; Tb 13:6; 1 En. 25:3) e culmina no Apocalipse, onde Jesus é proclamado “Rei dos reis” (Ap 19:16).

³⁷ Ver: MINCATO, Ramiro. Confissão de Natanael (Jo 1,43-51) e o modo de revelação no Quarto Evangelho. *Revista Eletrônica PUC-RS (Teocomunicação)*, V. 38, N. 159, p. 5-17. Porto Alegre: PUC, jan/abr. 2008. p. 10-17. Ver também: MINCATO, Ramiro. *O Título “Filho de Deus” em Jo 1, 29-34: Estrutura e Teologia da perícopa*. Teocomunicação, Porto Alegre, v.35, n. 150, p. 839-854, dez. 2005.02.

qual se delinea o paradigma da revelação cristológica. O exame estrutural revelou uma progressão literária intencional, que conduz o leitor do chamado de Filipe ao reconhecimento teológico de Natanael, compondo uma ascensão hermenêutica do ver ao crer, e do crer ao compreender. Tal movimento não é apenas narrativo, mas também teológico: a fé emerge do encontro com aquele que vê antes de ser visto, e cuja palavra desvela a verdade interior do ser humano.

O estudo sociocultural da referência a Nazaré mostrou que o evangelista se serve de um contexto geográfico marginal para instaurar uma inversão teológica, o Messias não procede do centro cultural de Israel, mas de sua periferia simbólica. A ironia da pergunta “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” é, portanto, instrumento retórico que desestabiliza as expectativas messiânicas tradicionais, antecipando o tema joanino da revelação que transcende categorias étnicas e religiosas. O lugar desprezado torna-se, assim, o espaço da manifestação da glória, instaurando uma teologia da inversão que percorre todo o Evangelho.

A leitura literário-teológica, apoiada em Carson, Mincato e demais autores, confirmou que a confissão de Natanael “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel” não é um simples reconhecimento messiânico, mas a enunciação de uma cristologia dupla: messiânica e ontológica. O evangelista articula o título “Filho de Deus”, de ressonância davídica, com a autodeclaração de Jesus como “Filho do Homem”, título de origem apocalíptica e preexistencial. Essa transição marca o deslocamento do messianismo histórico para uma cristologia transcendente, na qual a figura do “Filho do Homem” torna-se o novo eixo da economia da revelação. A promessa de ver “anjos subindo e descendo sobre o Filho do Homem” reinterpreta a visão de Jacó (Gn 28:12) à luz da encarnação, indicando que em Jesus se cumpre a restauração do acesso entre céu e terra, entre Deus e humanidade.

Desse modo, a perícopes de João 1:43–51 opera como microcosmo teológico do Evangelho joanino: nela se condensam os grandes temas da obra: a revelação, testemunho, conhecimento sobrenatural, fé e glória. A confissão de Natanael não encerra a narrativa, mas a inaugura, funcionando como uma antecipação da confissão final de Tomé (“Meu Senhor e meu Deus”, Jo 20:28), o que evidencia a estrutura circular da teologia joanina: quem “vem e vê” é introduzido progressivamente na plena visão da glória do Filho. Assim, a partir do improvável cenário de Nazaré, o evangelista constrói

uma hermenêutica da revelação em que o conhecimento de Jesus redefine as categorias de pertença, desloca o messianismo para o plano ontológico e inaugura o novo Israel fundado na fé que nasce do ver revelado, a fé do discípulo que, como Natanael, é chamado a ultrapassar o ceticismo e confessar o Filho do Homem como o lugar definitivo da manifestação de Deus.

REFERÊNCIAS

BROWN, Raymond E. *The Gospel According to John (I-XII): Introduction, Translation, and Notes*. Anchor Bible. New York: Doubleday, 1966.

CARSON, D. A. *The Gospel According to John. The Pillar New Testament Commentary*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991.

KEENER, Craig S. *The Gospel of John: A Commentary*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2003.

MINCATO, Ramiro. Confissão de Natanael (Jo 1,43-51) e o modo de revelação no Quarto Evangelho. *Revista Eletrônica PUC-RS (Teocomunicação)*, V. 38, N. 159, p. 5-17. Porto Alegre: PUC, jan/abr. 2008.

MORRIS, Leon. *The Gospel According to John. The New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995.

STUART, Douglas. *Manual de Exegese bíblica*. Douglas Stuart e Gordon D. Fee. São Paulo: Vida Nova, 2008.

TENNEY, Merrill C. *The Zondervan pictorial bible dictionary*. Grand Rapids, Michigan : Zondervan Publishing House. 1967.

The Greek new testament/edited by Kurt Alan [et al.]. Stuttgart : United Bible Societies; Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia* / Uwe Wegner. - São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 1998.